Greve Geral na Guanabara a Partir de Hoje

TEXTO NA 4ª PÁGINA

Prestes Lança Manifesto

Solução Para a Crise: Jango na Presidência

EDIÇÃO EXTRA

NOVOS RUMOS

CADA EXEMPLAR 10 CRUZEIROS

ANO III Rio de Janeiro, 26 de agôsto de 1961 Nº 129

Aos trabalhadores
Ao povo brasileiro

Uma grave crise política se desenrola no País. Cedendo à pressão das fôrças mais reacionárias, o sr. Jânio Quadros renunciou à Presidência da República. Estão sèriamente ameaçadas a legalidade constitucional e as conquistas democráticas do povo brasileiro.

Grupos antinacionais, vinculados aos interêsses monopolistas norte-americanos, opunham-se à política do presidente da República, orientada no sentido do respeito à autodeterminação do povo cubano e da normalização das relações entre o Brasil e os países socialistas. Esta foi a origem da crise. O sr. Carlos Lacerda, porta-voz do golpismo em 24 de agôsto, assassino de Getúlio Vargas, foi mais uma vez o instrumento da reação e do imperialismo nessa tentativa de deter o processo democrático em nosso País.

Em lugar de oferecer resistência à investida dos grupos golpistas, em lugar de apoiar-se firmemente nas fôrças populares, o sr. Jânio Quadros preferiu seguir o caminho da renúncia. Diante disso, surge para o povo brasileiro a necessidade de mobilizar suas fôrças com firmeza e energia para impedir que a reação golpista realize seus objetivos criminosos.

O fato de haver o sr. Ranieri Mazzili assumido a Presidência da República não representa uma solução efetiva para a crise, nem restitui a normalidade ao País. A única solução constitucional, democrática, de acatamento à vontade popular, é a passagem do Govêrno às mãos do vice-presidente da República, sr. João Goulart. Êste é o caminho através do qual poderão ser derrotadas as insidiosas manobras golpistas, ainda em curso.

Os interêsses nacionais exigem um govêrno capaz de prosseguir na política de respeito à autodeterminação do povo cubano e de aproximação com os países socialistas, um govêrno capaz de dar novos passos no sentido de uma política exterior soberana e pacífica e de realizar uma política interna baseada no desenvolvimento independente de nossa economia, no bem-estar das massas trabalhadoras e populares e na garantia das liberdades democráticas.

Manifestemos em praça pública, por tôdas as formas, nosso protesto contra os atentados golpistas!

Defendamos a legalidade democrática, exigindo a passagem imediata do govêrno ao vice-presidente da República, sr. João Goulart!

Derrotemos as manobras antinacionais de Carlos Lacerda, inimigo do povo brasileiro!

Pelos comunistas brasileiros
Luiz Carlos Prestes

Constituição Manda: Jango é Presidente!

Com a renúncia do presidente Jânio Quadros, de acôrdo com o que manda a Constituição Federal, assumirá a presidência da República o sr. João Goulart, que deverá receber o mandato das mãos do sr. Ranieri Mazzilli logo após regressar de sua viagem ao exterior.

De fato, a Constituição Federal, em seu artigo 79 determina: «Substitui o presidente em caso de impedimento, e sucede-lhe, no de vaga, o vice-presidente da República.»

NOVAS ELEIÇÕES

Não tendo renunciado o vice-presidente da República, não se verificará a necessidade de convocação de novas eleições. O parágrafo 2 do artigo 79 da Constituição determina a êsse respeito: «Vagando os cargos de presidente e vice-presidente da República far-se-á eleição sessenta dias depois de aberta a última vaga. Se as vagas ocorrerem na segunda metade do período presidencial, a eleição para ambos os cargos será feita trinta dias depois da última vaga, pelo Congresso Nacional, na forma estabelecida em lei. Em qualquer dos casos os eleitos deverão completar o período de seus antecessôres».

A PRESENÇA DE MAZZILLI

A posse do sr. Ranieri Mazzilli, presidente da Câmara Federal, verificou-se apenas em virtude de se encontrar ausente do país o sr. João Goulart. Constitucionalmente, logo após o regresso do vice-presidente da República, o sr. Mazzilli deverá transmitir-lhe o cargo.

Povo carioca apedreja «O Globo»

O vespertino dos irmãos Marinho, órgão que mais ferrenha e descaradamente divulga e defende os interêsses dos monopólios norte-americanos no Estado da Guanabara, foi alvo do ódio do povo.

A agência de "O Globo" no Tabuleiro da Baiana, Largo da Carioca, foi violentamente atacado pelos populares revoltados com suas interpretações e opiniões sôbre a crise que comove o País, tendo os vidros de suas luxuosas instalações sido quebrados a pedradas.

Lott: Cabe a Jango Terminar o Mandato

— «Cabe ao senhor João Goulart terminar o período governamental iniciado pelo senhor Jânio Quadros», afirmou o marechal Henrique Lott durante a entrevista coletiva que concedeu às primeiras horas da noite de ontem em seu apartamento de Copacabana, a propósito dos acontecimentos de ontem.

E provocado por uma pergunta, acrescentou:

— «E' absurda a hipótese de não ser dada posse ao vice-presidente João Goulart. Será uma desgraça. Deus nos livre disso, pois não sabemos o que irá acontecer. Só poderá governar o Brasil aquêle que tiver expressa delegação do povo».

SITUAÇÃO GRAVE

O ex-candidato às últimas eleições presidenciais disse ter pleno conhecimento da gravidade da situação atual — "pois tive oportunidade de participar de episódios parecidos" referindo-se dessa maneira à participação que teve nos acontecimentos de 24 de agôsto de 1954 e 11 de novembro de 1955.

Essas declarações foram feitas após a entrega de um documento em que o ex-ministro da Guerra expõe sua posição face ao momento político e no qual diz:

"Vários amigos têm me procurado desde que se desencadeou a crise causada pela inopinada renúncia do dr. Jânio Quadros solicitando que manifestasse pùblicamente minha opinião sôbre a atual conjuntura. Fiz-lhes ver que atualmente meu ponto-de-vista tinha o mesmo valor que o de qualquer outro cidadão. Ponderaram que eu tinha numerosos amigos civis e militares, inclusive os três milhões e algumas centenas de milhares de cidadãs e cidadãos que sufragaram meu nome nas últimas eleições e que julgavam que eu tinha o dever de manifestar à Nação meu modo de pensar. É, pois, a êsses amigos que me dirijo, não para lhes dar conselho, mas para lhes fazer um apêlo.

Peço a êsses amigos que, ao considerarem a conduta que cada um deverá adotar face à atual situação, tomem como bússola os interêsses superiores da Pátria e como roteiro os ditames da Constituição vigente, pois só assim será possível que suas ações se conjuguem no sentido de poder o Brasil vencer a gravíssima crise econômica, financeira, social e institucional que o acometeu. Faz-se mister que cada brasileiro ponha suas simpatias ou antipatias e, mesmo, seus interêsses — por mais legítimos que sejam — quando tais interêsses colidirem com os do povo brasileiro. Trata-se — no presente momento — de manter as instituições, a Constituição e a Ordem."

"LUTAREI"

Na parte de perguntas e respostas, o marechal Lott afirmou que sua "maior preocupação é que as instituições sejam mantidas e por isso eu lutarei — como qualquer cidadão — já que não sou mais comandante".

Enfrentando Bombas da Polícia, Povo Carioca Protestou em Frente à Embaixada Dos EUA

«Jânio sim, ianques não!»

A multidão, perfeitamente caracterizadas as fôrças que levaram à renúncia o presidente Jânio Quadros, dirigiu a passeata em direção ao prédio da embaixada norte-americana. O quarteirão totalmente cercado por fôrças policiais, começaram a explodir as bombas de gás lacrimogêneo, com as quais há muito o povo já se habituou a chorar mas não a recuar, e os tiros que, êstes sim, obrigaram os manifestantes a diminuir o ímpeto. Dezenas de prisões foram efetuadas, a polícia estadual a serviço do imperialismo e do seu representante indígena mais odiado, o governador Carlos Lacerda, intensamente desejado pelo povo para um acêrto de contas.

O COMEÇO

Desde às primeiras horas da tarde começaram a se formar os grupos de discussão e apoio ao presidente da República que às 14 horas entregara sua mensagem de renúncia ao Congresso Nacional. O principal ponto de reunião era a Praça Marechal Floriano (Cinelândia), tradicional centro de lutas de rua do povo carioca, o mesmo de onde partiu o ataque à embaixada ianque em 1954, no dia 24. Oradores aqui e ali, com predominância de estudantes.

Aos poucos o número de manifestantes foi engrossando e se organizando, um dos bancos da praça servindo de tribuna aos oradores que se sucediam.

Dezenas de cartazes surgiram. "Tiremos Lacerda da embaixada americana", "Saia da Guanabara, corvo Lacerda", "Ao palácio Guanabara", "Jânio sim, ianques não". Alguém apareceu com um alto-falante. Enorme bandeira brasileira e erguida junto ao banco.

Todos os discursos são de condenação à pressão dos grupos imperialistas norte-americanos, à atuação do governador da Guanabara, em defesa da legalidade democrática e pela volta do presidente Jânio Quadros.

POLICIA INTERVEM

Por volta das 19 horas, já agora com um número bem grande de manifestantes, os bancos da praça foram colocados no meio da Avenida Rio Branco, interrompendo o trânsito.

A polícia chegou depois de uns quinze minutos e conseguiu com auxílio de bombas e disparos, fazer a massa recuar para a calçada. Ocupando as duas ilhas da praça — a da estátua ao Marechal Floriano e a do busto de Getúlio — o povo cercou a polícia, situada no meio da rua entre as duas ilhas, e começou a lançar apelos de adesão aos soldados, explicando o que era a luta e por que deviam também êles se colocar ao lado das fôrças populares contra os inimigos externos e internos do povo brasileiro.

Acompanhada pelo canto do hino nacional, a polícia voltou para as suas viaturas, aplaudida nesta ocasião pelos manifestantes.

DEPUTADOS

As 20 horas chegaram à praça os deputados estaduais Hércules Correia dos Reis e Roland Corbisier, iniciando-se um grande comício nas escadarias da antiga Câmara Municipal.

São distribuidos milhares de retratos do presidente Jânio Quadros à multidão que se acotovela diante das escadarias, já agora umas dez mil pessoas, numa ardente e entusiástica condenação popular do imperialismo norte-americano.

De um dos oradores partiu a palavra de ordem de manifestar diante da embaixada ianque, imediatamente atendida.

VIOLÊNCIAS

Desta feita, tocado o ponto nevrálgico das demonstrações, a polícia investiu com fúria inaudita contra o povo que realizava sua manifestação de repúdio diante dos representantes do imperialismo em nossa Pátria.

Atacou a bala e a gás lacrimogêneo a massa inerme, espancando violentamente e realizando dezenas de prisões, numa demonstração expressiva dos interêsses defendidos por seu chefe, o fantoche Carlos Lacerda, de quem o povo na praça exige a punição pelas conspirações golpistas que vem encabeçando desde que se viu dotado de imunidades concedidas aos ocupantes de cargos públicos. A luta em frente à Embaixada dos Estados Unidos prolongou-se por cêrca de meia hora. A polícia ocupou todos os quarteirões próximoos à Embaixada, bloqueando várias ruas, inclusive a Santa Luzia e a Rua México.

Milhares de guanabarinos manifestaram nas ruas, ontem, seu repúdio aos golpistas. "Jango, sim! Lacerda, não!" — gritava o povo enfrentando as violências da polícia a serviço do governador inimigo da democracia.

"Desejei um Brasil Para os Brasileiros"

É o seguinte o texto da Mensagem dirigida pelo sr. Jânio Quadros ao Congresso Nacional, acêrca de sua renúncia à Presidência da República:

"Nesta data, e por êste instrumento, deixando com o Ministro da Justiça às razões de meu ato, renuncio ao mandato de Presidente da República.

Fui vencido pela reação e, assim, deixo o Govêrno. Nestes sete meses, cumpri o meu dever. Tenho-o cumprido, dia e noite, trabalhando infatigàvelmente, sem prevenções, sem rancores. Mas, baldaram-se os meus esforços para conduzir esta Nação pelo caminho da sua verdadeira libertação política e econômica, o único que possibilitará o progresso efetivo e a justiça social, a que tem direito seu generoso povo.

Desejei um Brasil para os brasileiros, afrontando, nesse sonho, a corrupção, a mentira e a covardia, que subordinam os interêsses gerais aos apetites e as ambições de grupos ou indivíduos, inclusive, do exterior.

Sinto-me, porém, esmagado. Fôrças terríveis levantam-se contra mim, e me intrigam ou infamam, até com a desculpa da colaboração. Se permanecesse não manteria a confiança e a tranqüilidade, ora quebradas, e indispensáveis ao exercício da minha autoridade. Creio, mesmo, que não manteria a própria paz pública. Encerro, assim, com o pensamento voltado para a nossa gente, para os estudantes e para os operários, para a grande família do País, esta página da minha vida, e da vida nacional. A mim, não falta a coragem para a renúncia.

Saio com um agradecimento e um apêlo. O agradecimento é aos companheiros que, comigo, lutaram e me sustentaram dentro e fora do Govêrno, e, de forma especial, às Fôrças Armadas, cuja conduta exemplar, em todos os instantes, proclamo, nesta oportunidade.

O apêlo, é no sentido da ordem, do congraçamento, do respeito e da estima de cada um dos meus patrícios para todos; de todos para cada um.

Sòmente, assim, seremos dignos dêste País, e do mundo. Sòmente, assim, seremos dignos da nossa herança e da nossa predestinação cristã. Retorno, agora, a meu trabalho de advogado e professor.

Trabalhemos, todos. Há muitas formas de servir nossa Pátria. Brasília, 25-8-61 — a) JÂNIO QUADROS".

POPULARES ATACAM O JORNAL DE LACERDA

Durante as manifestações de ontem à noite, no centro da cidade, um nomeroso grupo de manifestantes dirigiu-se ao prédio onde estão instaladas a redação e as oficinas da "Tribuna da Imprensa", a fim de exprimir sua indignação em face da conduta do sr. Carlos Lacerda na crise que culminou com a renúncia do presidente Jânio Quadros. Ali, os populares atiraram pedras e objetos sôbre as portas e a fachada do edifício, intervindo a Polícia com bombas de gás lacrimogênio e golpes de cessetetes contra os manifestantes.

Povo Ocupou Praça da Sé: Jânio, Sim! Lacerda, Não!

SÃO PAULO, 25 (Da Sucursal) — "Jânio, sim! Lacerda, não!" — "Independência sim, entreguismo não!" — dezenas de milhares de paulistanos, manifestando com êsses "slogans" seu repúdio contra os golpistas inimigos do Brasil e das liberdades, reuniram-se na Praça da Sé desde às primeiras horas da tarde de hoje, realizando gigantesca demonstração de protesto contra a renúncia do presidente da República e contra aquelas fôrças mais reacionárias que pretendem impedir que o Brasil execute uma política externa independente.

A manifestação popular da Praça da Sé, que transcorria ainda quando redigimos esta nota, foi pontilhada de numerosos pronunciamentos e discursos de oradores populares, todos êles denunciando o golpe que se aplicava contra a democracia e a ação das fôrças reacionárias, tendo em vista impedir o Brasil de aplicar uma política ativa de independência em suas relações internacionais. A ação de Carlos Lacerda e dos homens do 24 de agôsto foi também denunciada ao povo.

"Os mesmos homens que levaram Getúlio Vargas à morte — afirmou um orador — para impedir a emancipação econômica e política do Brasil, golpeiam agora a democracia com o mesmo objetivo de servir os interêsses do imperialismo americano". A defesa da Revolução Cubana, "exemplo para todos os povos livres da América Latina" — como assinalou outro orador — foi ressaltada também durante a manifestação dos paulistanos.

OUTRAS MANIFESTAÇÕES

Mais de três mil trabalhadores da Vidraria Sta. Marina, após realizar uma vibrante assembléia em defesa das liberdades e contra os golpistas, realizaram uma passeata pelas ruas centrais da capital paulista, empunhando cartazes de apôio a uma política externa independente para o Brasil, defesa da legalidade constitucional e das liberdades democráticas.

O Centro Acadêmico XI de Agôsto da Faculdade de Direito de São Paulo, logo após a divulgação da notícia da renuncia do presidente Jânio Quadros, declarou-se em assembléia permanente. O mesmo ocorreu com outras entidades estudantis.

ASMOB-MILANO ARCHIVIO STORICO DEL MOVIMENTO OPERAIO BRASILIANO

ARQUIVO ASTROJILDO PEREIRA 1890-1965

Ocidente Sabotou a Reunificação Democrática da Alemanha Para Criar Govêrno Militarista e Reacionário de Adenauer

Por que a Alemanha é hoje um país dividido? Quais os fatos que levaram à situação atual? Os acôrdos de Ialta e Potsdam estão sendo respeitados?

NOVOS RUMOS, nesta página dedicada à situação alemã, conta a história de como as potências ocidentais agiram para consagrar a divisão da Alemanha, desrespeitaram os acôrdos assinados com a União Soviética e instauraram na chamada República Federal Alemã um poderoso Estado militarista, dominado pelos cabos-de-guerra e pelos grandes industriais responsáveis pela aventura nazista, que já começa a se constituir numa nova e séria ameaça à paz mundial.

Em Bonn, onde governam Adenauer e seu ministro da guerra Strauss, já se reclama histèricamente a conquista do "espaço vital". Nas ruas e estradas do território alemão ocidental o surdo bater dos tacões das tropas desfilando, as fanfarras e as bandeiras: é a nova Bundeswher que os Estados Unidos, a França e a Inglaterra se comprometeram, nas terras da Criméia e nos arredores da orgulhosa Berlim destruída, a não fazer ressurgir.

No Reno e no Sarre, as chaminés fumegam. Nas grandes usinas que forneceram milhões de toneladas de aço para serem transformadas em tanques, canhões e armas de todos os tipos, e produz a todo o vapor: mais aço para canhões, Novamente.

Aponta-se para o Leste. Lá está o destino do povo alemão. A sua missão é salvar o mundo... do bolchevismo.

Os acôrdos assinados foram e estão sendo violados. Os ocidentais alimentadores da guerra fria não puderam respeitá-los. Em Ialta e Potsdam se dizia «Jamais permitiremos o renascimento do militarismo alemão». Os aliados trabalharão para erguer uma Alemanha pacífica e democrática... Os nazistas e seus colaboradores serão banidos dos cargos públicos, as escolas militares serão fechadas, as indústrias de guerra serão eliminadas ou confiscadas". Em Washington, Londres e Paris, hoje, se diz: «E' preciso fortalecer a Alemanha, armá-la para enfrentar a ameaça vermelha». Nos corredores do Pentágono se afirma francamente que jamais houve intenção de respeitar aquêles acôrdos com a União Soviética.

A guerra fria marcou o destino da Alemanha no mundo de hoje: dividida em dois Estados política e socialmente antagônicos por obra e graça dos senhores da guerra e do imperialismo.

O presidente Roosevelt tinha razão quando, pouco antes de se dirigir à conferência de Ialta, manifestava ao seu filho Elliott o temor de que, uma vez derrotados os nazistas, o govêrno militar anglo-norte-americano que se instalasse na Alemanha fôsse constituído de homens a serviço dos grandes trustes e manobrassem no sentido de reerguer os cartéis alemães que proporcionaram a Hitler a grande máquina bélica com a qual êle devastou e ensanguentou a Europa.

A história dos anos de após-guerra é uma sucessão de fatos que confirmam os temores do saudoso presidente que comandou a batalha do povo norte-americano contra o nazismo. O destino da Alemanha, e com êle o destino da própria paz mundial, se ligou profundamente à política inaugurada pelas potências ocidentais a partir de 1947. Sob o signo da guerra-fria e das ameaças contra a União Soviética e os países do campo socialista, do combate ao comunismo — o inimigo mortal que se deveria destruir — Truman e seus sucessores, Churchill, Atlee e seus sucessores, os governos franceses praticaram tôda a sorte de atos violadores dos Tratados que haviam assinado com a URSS. A política por êles instaurada não comportava uma Alemanha democrática e a serviço da paz. Para levar a cabo os seus planos necessitavam não de um Estado alemão pacífico, mas de uma nação poderosamente armada material e espiritualmente — para cumprir o papel que lhe era destacado.

Em 20 de dezembro de 1947, o «New York Herald Tribune» escrevia em editorial que «A divisão da Alemanha deixará aos Estados Unidos o caminho livre para incorporar a Alemanha ocidental num sistema de Estados ocidentais».

Para conseguir isso o que fizeram as potências ocidentais?

O COMÊÇO

O Acôrdo de Potsdam foi assinado no dia 2 de agôsto de 1945. Pelos seus têrmos (veja-se matéria ao lado), se constituía um conselho de contrôle dos quatro potências cujos objetivos eram assegurar a aplicação das decisões sôbre o destino da Alemanha e preparar a assinatura do Tratado de Paz com êsse país que seria assinado no momento oportuno.

Nas reuniões dêsse Conselho se definiram as posições. O órgão realizou três conferências nos anos de 1946 e 1947, em Moscou, Paris e Londres. Tôdas elas infrutíferas no que se refere à discussão do problema alemão, em virtude da intransigência dos ocidentais que se recusaram a discutir concretamente todos os planos relacionados com a organização do Estado alemão em bases democráticas e com a assinatura de um Tratado de Paz.

Na conferência de Londres, em novembro de 1947, da qual participaram Molotov (URSS), Marshall (EUA), Bevin (GB) e Bidault (França), ministros do Exterior das quatro potências — a União Soviética apresentou um projeto de Tratado de Paz para ser discutido e um plano de cooperação econômica para a Europa como subsídio ao Plano Marshall. Fracasso completo das negociações. Os ocidentais rejeitaram as propostas soviéticas e anunciaram então as primeiras medidas tendentes a perpetuar a divisão da Alemanha.

Já na conferência de Moscou, os representantes ocidentais haviam rejeitado propostas soviéticas no tocante a adoção de medidas no sentido de apressar o processo de desmilitarização da Alemanha, que vinha sendo retardado nas zonas de ocupação ocidentais (em seu livro de memórias o marechal Montgomery confessa que, por ordens superiores, manteve durante muito tempo mobilizados 700 mil soldados da Wermacht que haviam caído prisioneiros dos ingleses ao fim da guerra), e a adoção de medidas tendo em vista a garantir a unidade econômica e política da Alemanha.

Nessa época, entretanto, os Estados Unidos e seus aliados tinham prontos já todos os planos para a organização de um Estado alemão separado englobando as três zonas de ocupação sob o domínio dos EUA, França e Inglaterra. Em 23 de julho de 1947 a revista norte-americana «News Week» escrevia: «Algumas personalidades de Washington, temendo que o regime de ocupação da Alemanha pelas quatro potências possa lançar o país nos braços do comunismo, estão estudando a possibilidade de formar um govêrno separado para a Alemanha Ocidental».

A Conferência de Londres, por conseguinte, se constituiu numa farsa montada pelos ocidentais para preparar o mundo e isso é comprovado pelo «New York Post», cujo correspondente em Berlim afirmava em 18 de outubro de 1947: «Numerosos funcionários do govêrno militar norte-americano foram unânimes ao me predizer que a Conferência de Londres resultaria num impasse e que a ela se seguiria a fundação de uma República na Alemanha Ocidental».

O PROCESSO DE DIVISÃO

Ao fracasso da Conferência de Londres, se seguiu um processo rápido de integração da parte alemã ocupada pelos países ocidentais no quadro político e econômico do Ocidente.

Desrespeitando os têrmos dos acôrdos assinados com a URSS, os governos dos Estados Unidos e seus aliados passaram a favorecer por todos os meios o reerguimento do potencial industrial da Alemanha. Os grandes consórcios que financiaram e sustentaram a aventura guerreira de Hitler foram autorizados a reiniciar suas atividades e muitos dêles se ligaram econômicamente a trustes norte-americanos. A unidade econômica e financeira determinada pelo acôrdo de Potsdam para a Alemanha ocupada foi violada pelos ocidentais que, em 20 de junho de 1948, instituíram o marco ocidental, com a reforma monetária.

A política adotada pelos ocupantes norte-americanos, inglêses e franceses de favorecimento dos grandes interêsses econômicos alemães provocou conflitos inclusive com legislativos regionais na própria Alemanha Ocidental). Assim, em 1948, para favorecer os interêsses do truste do carvão, as autoridades de ocupação anglo-americanas anularam um decreto da Dieta da Renânia-Westfalia que nacionalizava a indústria carbonífera.

O processo de perpetuação da divisão da Alemanha cresceu de ritmo em 1949, depois que os ocidentais adotaram medidas no sentido da fusão econômica das três zonas sob seu contrôle e após o reconhecimento da lei fundamental que criava a República Democrática Alemã.

ESFORÇOS DA URSS

A União Soviética, depois do fracasso da reunião de Londres do Conselho de Contrôle — fracasso êsse que levou à dissolução do próprio Conselho, já que os ocidentais se negavam a respeitar o que se estipulara em Ialta e Potsdam — tentou novamente, em 1949, uma reformulação da questão alemã. Solicitou uma reunião dos ministros do Exterior das quatro potências, reunião essa que se realizou em Paris em maio daquele ano.

No encontro dos chanceleres, a URSS fêz propostas concretas para resolver o problema alemão e evitar que se consumasse definitivamente a divisão do país que vinha sendo perseguida pelas potências ocidentais. Sugeria a União Soviética a criação de um Conselho de Estado para tôda a Alemanha a base das organizações econômicas existentes na parte Oriental e na Ocidental e recomendava que, dentro de 3 ou 4 meses, os representantes das quatro potências apresentassem os projetos de um tratado de paz com a Alemanha.

Os Estados Unidos e seus sócios rejeitaram as propostas soviéticas e anunciaram que a única solução para impedir a divisão da Alemanha seria a incorporação da parte oriental do país ao Estado que criaram nas zonas que ocupavam. A conferência fracassou e o Ocidente pôde então prosseguir na tarefa que se havia proposto de criar um regime na parte ocidental que atendesse aos interêsses da sua política belicosa e dos grandes industriais germânicos que paulatinamente, com a ajuda dos seus parceiros do outro lado do Atlântico, haviam reconquistado as posições-chaves na economia da Alemanha.

Sôbre o novo Estado alemão que então se organizava sob a proteção dos Estados Unidos assim se referia, em 16 de maio de 1949, o jornal norte-americano «Washington Post»: «A maior parte das funções administrativas será provàvelmente exercida pelos representantes da grande indústria. A União Cristã Democrática será a fachada governamental por detrás da qual os industriais serão os verdadeiros senhores da Alemanha».

UM ESTADO AGRESSIVO

«Nós estamos decididos a exterminar definitivamente o nazismo e o MILITARISMO alemães» — acôrdo de Ialta, assinado por Stalin, Churchill e Roosevelt em nome dos governos da URSS, Inglaterra e Estados Unidos.

Em 26 de outubro de 1950, sob pressão dos Estados Unidos, o Conselho do Atlântico adota o princípio de uma colaboração militar da Alemanha na criação de uma fôrça militar européia. Abria-se assim a primeira brecha tendente a promover a participação ativa da Alemanha ocidental nos planos de guerra do imperialismo e a reorganizar a máquina bélica germânica destruída com a derrota do nazismo.

Violavam assim as potências ocidentais signatárias dos acôrdos de Ialta e Potsdam os seus têrmos. Inicia-se o processo de organização na Alemanha ocidental de um nôvo exército capaz de satisfazer os interêsses da política imperialista de manter na Europa um clima de intranquilidade e de ameça à paz.

A Alemanha, para os estrategistas do Pentágono, sempre foi uma peça fundamental do plano de agressão contra os países socialistas. O senador Elmer Thomas já em 1949 definia o interêsse dos Estados Unidos pela situação alemã com o seguinte pensamento: «A Alemanha foi uma grande potência militar. Os alemães são grandes combatentes. Se, um dia, os Estados Unidos se encontrarem de nôvo em estado de guerra, nós teremos necessidade de combatentes. E, para isso, queremos a Alemanha de nosso lado». ("New York Times", 27 de novembro de 1949).

Essa política das potências ocidentais em relação à Alemanha levou rapidamente à remilitarização do país. De 1952 para cá, época em que o Ocidente sancionou o direito do govêrno de Bonn de criar um exército e manter armamentos, a situação se desenvolveu perigosamente. Hoje as fôrças armadas daquele país já contam com armamento pesado, grupos especiais de foguete teleguiados e seu govêrno exige do Ocidente o direito de possuir e armazenar armas atômicas.

A política militarista do govêrno Adenauer, além de favorecer os planos belicistas dos senhores da guerra fria, serve estreitamente aos interêsses dos grandes consórcios industriais alemães e seus sócios norte-americanos, voltados hoje para a produção de material bélico e armamentos.

Essa política levou a que a economia da Alemanha ocidental se transforme rápidamente em economia de guerra.

Nos últimos anos a Alemanha Ocidental importou cêrca de 60% dos armamentos para as suas fôrças armadas. Hoje, entretanto, a maior parte dos pedidos são feitos a emprêsa da própria Alemanha. Para se ter uma idéia do índice de crescimento do rearmamento alemão, basta assinalar que no orçamento para 1959/60 foram destinados mais de 20 bilhões de marcos para as despesas militares, equivalentes a mais de 50% das despesas do país.

Amparada pelos Estados Unidos, a Alemanha ocidental se transforma rápidamente na maior produtora de armamentos da Europa. Suas indústrias operam nos diversos setores da fabricação de material bélico e equipamentos militares, fornecendo para diversos países daquele continente, inclusive para Espanha e Portugal. Para êsse revigoramento da indústria bélica alemã colaboraram os grandes trustes norte-americanos que a ela se associaram como se verifica no quadro abaixo:

— A "Lockheed (norte-americana) se associou com grupos alemães que, possuem ações da "Heinkel" e da "Messerschmidt" para a produção de aviões.
— A "General Eletric" se associou à emprêsa "Bayrische Motorewerke" para a produção de aviões tipo "Starfighter".
— A "United Aircraft" se associou à "AG Weser", ligada ao truste Krupp.
— A "Continental Motors" se associou à emprêsa "Klockner-Humboldt-Deutz" para a produção de tanques e carros de assalto.
— A "Studebaker-Peckard" se associou à emprêsa "Daimler-Benz" para a produção de motores para carros ligeiros e para a construção de teleguiados antiaéreos.

SALVAR A PAZ

A situação na Alemanha Ocidental se agrava a cada momento. A política dos Estados Unidos e de outras potências ocidentais que se recusaram a cumprir os acôrdos assinados ao fim da guerra sôbre o destino do futuro Estado alemão, contribui para isso. Em 15 anos transformaram a Alemanha Ocidental numa grande nação armada e em sustentáculo da política imperialista de guerra na Europa, sacrificando para isso os desejos de milhões e milhões que acreditavam numa Europa sem temores depois da derrota do nazismo.

De agôsto de 1945 para cá o caminho foi tortuoso. Fotsdam ia ficando cada vez mais no esquecimento dos povos e em seu lugar surgiu o nôvo fantas ma da Bundeswehr. Os dólares do Plano Marshall deram início às manobres de militarismo alemão e do imperialismo para reconquistar as posições que Hitler perdera em sua louca aventura.

O velho Krupp esta novamente a testa das suas indústrias. Os velhos generais e conselheiros militares de Hitler organizam novos e mirabolantes planos de assalto ao Leste. Nomes que cairam no esquecimento vem atona novamente. Velhos homens que serviram o nazismo servem hoje ao revanchismo alemão e o imperialismo norte-americano.

A Alemanha foi dividida para proporcionar o nôvo surto revanchista e militarista. Os acôrdos de Potsdam e Ialta não foram cumpridos pelos govêrnos ocidentais porque pregavam a paz e a edificação de um Estado alemão pacífico. Êles dividiram a Alemanha para recriar o monstro do militarismo teutão que tantos males já causou ao mundo.

Um policia alemão em Berlim Ocidental: a mesma figura agressiva que lembra as SS de Hitler! São espancadores contumazes e freqüentemente investem contra todos os que se manifestam pela paz na Alemanha e no mundo.

A DIVISÃO DIA A DIA

4 DE SETEMBRO DE 1946 — Acôrdo anglo-americano sôbre a formação da «bizona», isto é, a fusão das duas zonas de ocupação e a criação de organismos administrativos alemães com poderes limitados.

29 DE MAIO DE 1947 — Criação do Conselho Econômico da bizona, uma espécie de Parlamento Central. Alguns dias mais tarde é criada na zona soviética uma comissão econômica central.

2 DE JULHO DE 1947 — Formação na bizona de um Comitê Executivo alemão, uma espécie de ministério.

7 DE DEZEMBRO DE 1947 — Reunião em Berlim do «Congresso do Povo Alemão», formado por delegados das associações democráticas.

5 DE MARÇO DE 1948 — Conferência separada dos Três ocidentais admite a Alemanha Oeste nos organismos da pequena Europa.

18 DE JUNHO DE 1948 — Reforma monetária unilateral nas zonas ocidentais.

28 DE JUNHO DE 1948 — Introdução do marco ocidental em Berlim Oeste. Reforma monetária na zona oriental. Ruptura das relações econômicas entre Berlim Ocidental e Berlim Oriental.

1 DE ABRIL DE 1949 — Fusão econômica das três zonas ocidentais.

6 DE MAIO DE 1949 — O conselho parlamentar da Alemanha Ocidental adota a lei fundamental da República Federal Alemã.

23 DE MAIO DE 1949 — Reunião dos Quatro em Paris. Os ocidentais rejeitam as propostas soviéticas de organizar um Conselho de Estado alemão provisório para tôda a Alemanha e de assinar um tratado de paz dentro de um ano.

15 DE SETEMBRO DE 1949 — Formação do govêrno Adenauer, em Bonn.

7 DE OUTUBRO DE 1949 — Formação da República Democrática Alemã.

26 DE OUTUBRO DE 1950 — O Conselho do Atlântico adota o princípio de uma colaboração militar da Alemanha para a criação de uma fôrça militar européia.

27 DE MAIO DE 1952 — Assinatura do tratado criando a «Comunidade Européia de Defesa (CED)», com a participação alemã no exército europeu.

27 E 28 DE MAIO DE 1952 — Assinatura dos Tratados de Bonn e Paris, consagrando o rearmamento da Alemanha Ocidental.

25 DE MARÇO DE 1954 — A República Democrática Alemã se torna Estado soberano e afirma sua fidelidade aos acordos de Potsdam.

23 E 29 DE OUTUBRO DE 1954 — Acordos de Londres e Paris ratificando a CED e autorizando o rearmamento da Alemanha Ocidental agregada à Aliança Atlântica.

9 DE MAIO DE 1955 — A Alemanha Ocidental ingressa na OTAN.

NOVOS RUMOS

Diretor
Mário Alves
Diretor Executivo
Orlando Bomfim Júnior
Redator Chefe
Fragmon Borges
Gerente
Guttemberg Cavalcanti

Redação: Av. Rio Branco 257, 17º andar S/1713 — Tel: 42-7344
Gerência: Av. Rio Branco 257, 9º andar S/905
SUCURSAL DE S. PAULO
Rua 15 de Novembro, 228, 8º andar — S/827
Tel: 37-5784
Endereço telegráfico: «NOVOSRUMOS»

ASSINATURAS
ASSINATURA AÉREA:

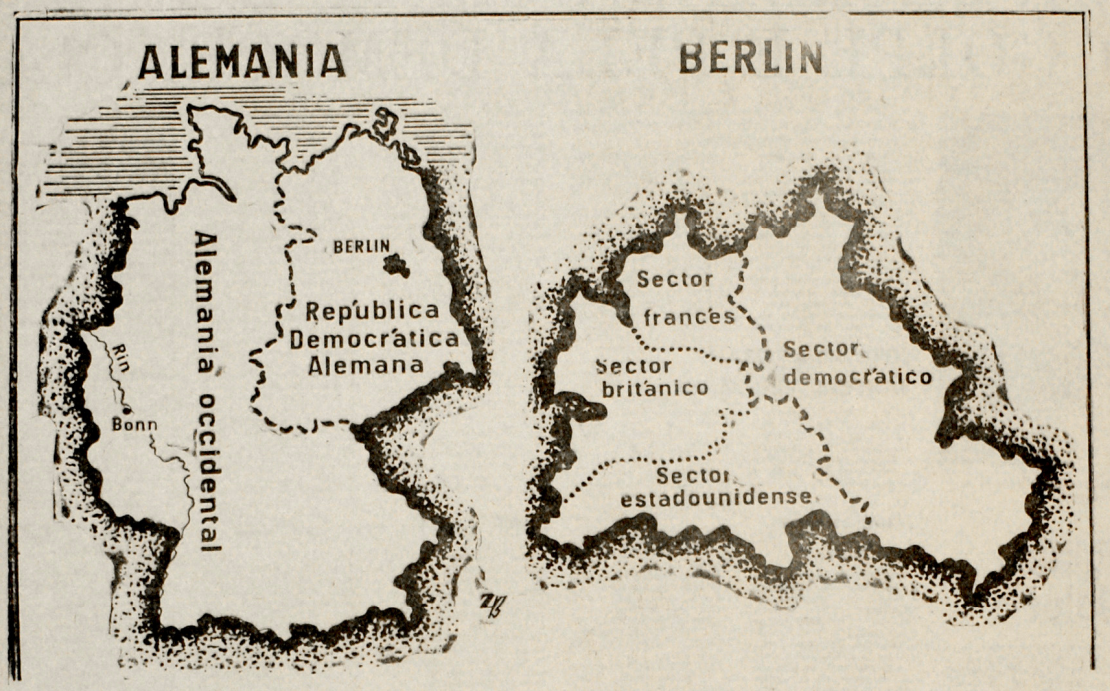
Anual	Cr$	1 800,00
Semestral	Cr$	900,00
Trimestral	Cr$	500,00
mais	»	90,00
Número avulso	»	10,00
Número atrasado	»	16,00
Anual	Cr$	500,00
Semestral	»	250,00
Trimestral	»	130,00

RÁDIO DE MOSCOU
TRANSMISSÕES PARA O BRASIL

Ondas:	Freqüências:
25 metros	11.87 megaciclos 11.92 "
31 metros	9.47 megaciclos 9.78 " 9.8 " 11.75 " 11.79 "
41 metros	7.215 megaciclos 7.37 "

Diàriamente, das 19 às 21 horas.

Willy Brandt, ao centro na foto, o prefeito social-demoerata de Berlim Ocidental, é um dos provocadores mais perigosos e defensor da guerra contra a RDA



Ocidente Não Cumpriu os Acôrdos: Textos de Ialta e Potsdam Provam

Nos primeiros dias de 1945, os chefes aliados se reuniram em Ialta, na Criméia, para discutir as medidas a serem tomadas a fim de apressar a derrota da Alemanha e a organizar a segurança, a paz e a cooperação internacional no após-guerra. Dela participaram Churchill, Stalin e Roosevelt.

Acôrdo de Ialta

No dia 11 de fevereiro de 1945 era assinado o acôrdo de Ialta. Pela primeira vez os aliados na guerra contra o nazismo se manifestavam em documento sôbre o destino da Alemanha. O acôrdo delineava já a política que deveria seguir os países vencedores em relação ao Reich, política essa que foi reafirmada, depois da rendição incondicional da Alemanha, pelos acôrdos de Potsdam, de 20 de agôsto de 1945.

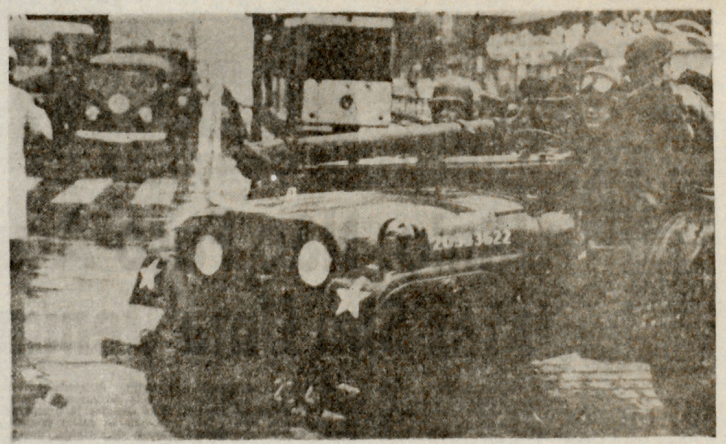
Em Ialta resolveram os aliados o seguinte em relação à ocupação e ao contrôle da Alemanha:

"Obtivemos acôrdo sôbre a política comum e os planos comuns a adotar para assegurar a execução dos têrmos da capitulação incondicional que imporemos à Alemanha nazista depois que a resistência armada alemã tenha sido definitivamente esmagada.

Os planos aprovados prevêem que cada uma das três potências ocupará com suas fôrças armadas uma zona separada da Alemanha.

A coodernação da administração de contrôle será realizada através de uma Comissão Central de Contrôle, composta dos comandantes-em-chefe das três potências e com sede em Berlim. Decidiu-se também que a França será convidada a ocupar igualmente uma zona e a fazer parte da Comissão de Contrôle.

Nós estamos inflexivelmente decididos a exterminar o militarismo e o nazismo alemães, e a agir de sorte que a Alemanha jamais possa pertubar a paz mundial. Nós estamos determinados a desarmar e desmobilizar tôdas as fôrças armadas alemãs; a dissolver definitivamente o estado maior geral alemão que, muitas vêzes, foi o responsavel pelo renascimento do militarismo alemão; à confiscar ou destruir todo o material bélico alemão; a suprimir ou controlar a indústria alemã que pode ser utilizada para fins militares... nós estamos decididos a fazer desaparecer o partido nazista, a legislação nacional-socialista, as organizações e instituições nacional-socialista; a subtrair os cargos públicos, a vida econômica e cultural do povo alemão à tôda influência nacional-socialista e militarista e a adotar na Alemanha, de comum acôrdo, tôdas as outras medidas que poderão ser necessárias para assegurar no futuro a paz e a segurança do mundo"



Em Berlim Ocidental é assim: os tanques são donos e suas fôrças armadas se movimentam com todo um aparato ameaçador. A presença dos S.I. em Berlim é um perigo para a paz.

Acôrdo de Potsdam

Derrotada a Alemanha nazista, dividido o território alemão nas quatro zonas de ocupação conforme determinava o acôrdo de Ialta, reuniram-se em Potsdam, de 17 de julho a 2 de agôsto de 1945, os chefes de govêrno das três potências aliadas: Stalin, Churchill e Truman (Roosevet já havia falecido). O primeiro-ministro inglês, durante a conferência, foi substituido pelo trabalhista Atlee, cujo partido vencera as eleições legislativas na Inglaterra.

Em Potsdam, conforme o acôrdo assinado em 2 de agôsto, os govêrnos aliados elaboraram o regime de ocupação da Alemanha (político e econômico) e concordaram em criar um Conselho de Contrôle formado pelos ministros do Exterior das quatro potências (a França aceitara participar do contrôle da Alemanha), encarregado de realizar o trabalho necessário a regulamentação da paz e de preparar a assinatura dos Tratados de Paz com os países derrotados.

Em relação aos princípios políticos e econômicos que seriam adotados para com a Alemanha ocupada o Acôrdo de Potsdam estabelece o seguinte:

Princípios políticos

1. — ... A autoridade suprema na Alemanha será exercida, de acôrdo, com as instruções recebidas dos seus govêrnos, pelos comandantes em chefe das fôrças armadas americanas britânicas, russas e francesas, cada um em sua zona de ocupação, e, no que concerne às questões referentes à Alemanha no seu conjunto, coletivamente pelos mesmos comandantes, na qualidade de membros do Conselho de Contrôle.

2. — As normas de ocupação da Alemanha que servirão de guia para a atividade do Conselho de Contrôle serão os seguintes:

I. — O desarmamento completo e a desmilitarização da Alemanha, assim como a eliminação ou e contrôle de tôda indústria alemã capaz de ser utilizada para fins militares.

a) — Tôdas as fôrças de terra, mar e ar, as SS, SA, SD, assim como a Gestapo, com tôdas as suas organizações, estados-maiores e instituições, compreendidos os alto-comandos, os corpos de oficiais, da ativa ou reserva, as escolas militares as organizações de veteranos, ou qualquer outro organismo ou associação destinados a manter a tradição militar no país, serão completa e definitivamente abolidos, de maneira a impedir a ressurreição ou a reorganização do militarismo alemão e do nazismo.

b) — As armas, munições e engenhos bélicos e todos os meios capazes de facilitar a sua produção serão postos à disposição dos Aliados ou destruídos. A produção e o armazenamento de munições e engenhos de tôda a natureza, compreendidos os destinados à aviação, serão proibidos.

II. — Destruir o partido nacional-socialista e tôdas as organizações filiadas ou controladas por êle, dissolver tôdas as instituições nazistas e assegurar que elas não renascerão sôbre qualquer outra forma, e proibir tôda atividade ou propaganda nazista ou militarista

3. — Todos os membros do partido nazista que tenham participado de maneira efetiva e não puramente nominal de sua atividade, da mesma forma que tôdas as pessoas hostis aos aliados, serão afastadas das funções públicas ou semipúblicas e dos postos de responsabilidade nas emprêsas privadas importantes.

4. — A educação alemã será controlada a fim de eliminar completamente as doutrinas militaristas e nazistas e de permitir a evolução das idéias democráticas.

Princípios econômicos

Durante o regime de ocupação a Alemanha será tratada como uma entidade econômica única. Com êsse objetivo, diretivas comuns serão aplicadas no que se refere:

a) — a produção e créditos para a mineração e a indústria

b) — a agricultura, exploração florestal e pesca

c) — salários, preços e racionamentos

d) — os programas de exportação e importação considerados no seu conjunto

e) — a moeda e o sistema bancário, as taxas e as alfândegas

f) — Os transportes e as comunicações

Organização administrativa

1. — O sistema judiciário será reorganizado de acôrdo com os princípios democráticos, com os princípios da justiça, de igualdade de direitos sem distinção de raça, nacionalidade e de religião para todos os cidadãos.

2) — A autonomia local será estabelecida em tôda a Alemanha.

3) — Todos os partidos democráticos serão legalizados em tôda a Alemanha.

4. — Provisòriamente nenhum govêrno central alemão será constituído. Entretanto, alguns departamentos administrativos centrais, dirigidos por secretários de Estado, serão instituídos, particularmente no setor de finanças, de transporte, de comunicação, de comércio exterior e da indústria. **Esses departamentos funcionarão sob a direção do Conselho de Contrôle.**

A NOVA WERMACHT: violando todos os acôrdos, o govêrno revanchista de Adenauer e Strauss criaram um novo exército alemão, cada dia mais poderoso e um perigo para a paz na Europa.

SOLIDARIEDADE AOS LAVRADORES

Milhares de trabalhadores dos municípios fluminenses de Niterói e São Gonçalo reuniram-se na noite do último dia 22, na Praça Martin Afonso, para comemorar, num grande comício, a vitória dos lavradores da Fazenda "São Lourenço", que enfrentaram grileiros e policiais, de armas na mão, e conseguiram manter-se na posse da terra. O ato foi promovido pelo Conselho Sindical de Niterói, e dêle participaram inúmeros parlamentares, líderes sindicais e estudantis, que demonstraram sua mais irrestrita solidariedade à luta que tanto os lavradores da Fazenda São Lourenço, como todos os outros travam em defesa da distribuição da terra para os que nelas trabalham. O líder camponês José Pureza, da Federação das Associações de Lavradores do Estado do Rio, estêve presente a manifestação.

ESTUDOS SOCIAIS

Nº 10 nas bancas de jornais

Contém os seguintes artigos:

Rui de Pina — "O ofício de escritor"; Zdenek Hampls — "Passado e presente da Literatura tcheca"; Hugo Regis dos Reis — "Exportação de minério de ferro"; Armando Alcântara — "Problemas do planejamento da economia baiana"; Almir Matos — "Cuba: o encontro de duas correntes revolucionárias"; Adam Schaff — "Existencialismo e marxismo"; L. Borges — "A biblioteca do padre João Ribeiro"; Miguel Costa Filho — "Quilombos" (parte final).

PALESTRAS SÔBRE PROBLEMAS NACIONAIS

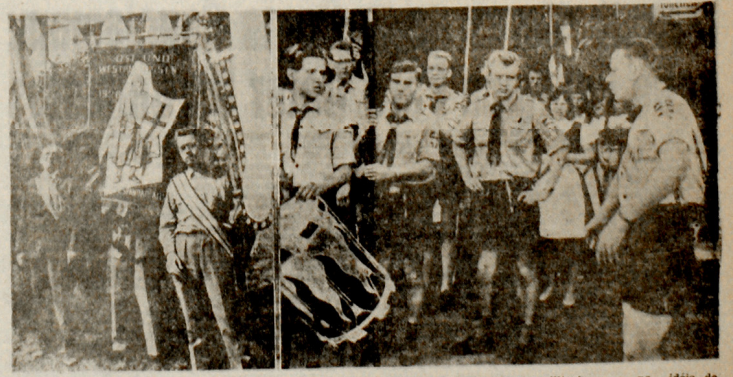
Programação para setembro

Dia 5 — "Cuba e Nós" — Lincoln Oest
Dia 12 — "A Carta de Punta Del Este" — Economista Campos Melo
Dia 19 — "Telecomunicações e interêsse nacional"
Dia 26 — "A situação do ensino e a Escola Pública" — Professor Henrique Miranda

As palestras serão sempre às têrças-feiras, às 18h 30m., no 8º andar da ABI.

Patrocinadas pelo Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional.

ENTRADA FRANQUEADA AOS INTERESSADOS



Como nos velhos tempos de Adolf, a juventude na Alemanha de Bonn é educada no militarismo e na idéia do "Grande Reich". São pe

GUANABARA: DECRETADA GREVE GERAL CONTRA O GOLPE E PELA DEMOCRACIA

O povo não se intimidou com as ameaças de Lacerda. Na foto, populares cercam um chôque da polícia, nas proximidades da Embaixada americana.

Dirigentes de mais de 40 sindicatos de trabalhadores da Guanabara, reunidos ontem, decidiram deflagar a greve geral no Estado. Eis o manifesto:

«Diante dos graves acontecimentos que atravessa nossa pátria, com o golpe de estado, novamente dado pelas fôrças reacionárias e monopólios internacionais, que provocou a renúncia do presidente Jânio Quadros, forçado pelos inimigos da independência econômica e política de nosso país, os trabalhadores da Guanabara se erguem num protesto contra êsse golpe e determinam a paralisação de tôdas as atividades, em respeito e defesa da legalidade constitucional e democrática, unidos aos ferroviários da Leopoldina que já se encontram em greve.

Unamo-nos com nossa fôrça e nossa ação para que se mantenha intransigentemente a legalidade constitucional e democrática com a posse do senhor João Goulart, ao qual a Constituição determina o exercício do mandato presidencial, em virtude da renúncia do senhor Jânio Quadros.

Fazemos um veemente apêlo ao senhor Jânio Quadros para que reassuma o pôsto que o povo lhe confiou e siga a política externa de defesa da soberania e independência da Nação Brasileira e da autodeterminação de todos os povos do mundo e realize uma política interna em defesa dos interêsses do desenvolvimento do país e do bem-estar do povo brasileiro.

Que unidos garantamos a legalidade constitucional e as liberdades democráticas individuais.

Que o Parlamento se mantenha firme e coêso e não permita que a Constituição seja rasgada e desrespeitada.

Que em cada fábrica, navio, escritório, portos, em todos os locais de trabalho se forme um forte baluarte em defesa da Constituição e dos direitos democráticos e sindicais de todo o povo.

Firmes, coêsos e decididos para esmagar e liquidar os golpistas que estão levando o país ao desassossêgo, a intranqüilidade aos nossos lares e ao desprestígio de nossa Pátria no conceito internacional.

Rio de Janeiro, 25 de agôsto de 1961».

MANIFESTO DOS METALÚRGICOS

Os trabalhadores metalúrgicos do Estado da Guanabara e extensões de base no Estado do Rio de Janeiro, em Reunião de representantes de fábricas e oficinas hoje verificada na sede do seu sindicato, à Rua Ana Néri, 152, analizaram com profundidade os últimos acontecimentos políticos ocorridos em nossa Pátria, que derem motivo à renúncia do exmo. sr. presidente da República, dr. Jânio da Silva Quadros.

Conscientes da importância da crise assim criada, resolveram os metalúrgicos lutar intransigentemente em defesa das liberdades sindicais e populares, a Imprensa falada, escrita e televisada, pelo respeito à Constituição da República e por soluções legais para a crise do presente momento.

Assentaram os trabalhadores que não abrirão mãos do direito de defender a legitimidade do govêrno, [illegible] do presidente Jânio Quadros, o qual [illegible] magistratura suprema da Nação, para a sobrevivênvia da própria democracia brasileira.

Êste é o pronunciamento dos metalúrgicos da Guanabara, e forçosamente o de todo o proletariado brasileiro.

Rio de Janeiro, 25 de agôsto de 1961.

JURISTAS AFIRMAM: JANGO DEVE ASSUMIR

— O sr. João Goulart exercerá todo o tempo que resta para o término do mandato do presidente da República, disse à nossa reportagem o desembargador Homero Pinho, presidente do Tribunal de Justiça da Guanabara. Acrescentou aquêle jurista que o artigo 79 da Constituição é bastante claro, quando diz: «Substitui o presidente da República, em caso de impedimentos e sucede-lhe no de vaga, o vice-presidente da República».

— Só haveria novas eleições — concluiu — marcadas para dentro de 60 dias, se o sr. Goulart estivesse impedido, o que não sucede.

No mesmo sentido se pronunciaram os srs. João Mangabeira e Prado Kelly, afirmando o primeiro que o vice-presidente completa o período, não havendo hipótese de novas eleições até o fim do mandato.

O sr. Prado Kelly disse que só se processariam novas eleições no caso de vaga simultânea ou sucessiva do presidente e vice-presidente.

Manifestações em Recife

RECIFE, 25 (Especial) — Horas depois de conhecida a notícia da renúncia do presidente Jânio Quadros, que foi o candidato majortário nesta cidade, no último pleito, numerosos grupos de manifestantes saíram à rua para manifestar sua solidariedade ao presidente da República. Verificaram-se choques entre os manifestantes e policiais.

Amaral Peixoto: PSD quer paz

Após a reunião que manteve na tarde de ontem, com o senador Juscelino Kubitschek e mais 30 próceres pessedistas, o almirante Amaral Peixoto, presidente nacional do PSD, declarou:

"O desejo do meu partido é que a crise se processe dentro dos quadros constitucionais.

"Nesta hora difícil da vida nacional — acrescentou — é necessário que todos tenham compreensão e revelem despreendimento para um desenvolvimento harmonioso dos fatos. Devemos considerar os interêsses nacionais acima dos nossos sentimentos partidários e só assim seremos dignos da confiança do povo e dos nossos correligionários."

UNE decretou greve nacional

Aos primeiros minutos de hoje a diretoria da União Nacional dos Estudantes decretou greve nacional de todos os universitários. A decisão foi tomada em meio à assembléia permanente em que se encontram desde as primeiras horas da noite de ontem as entidades estudantis sediadas no Estado da Guanabara.

A União Metropolitana dos Estudantes, órgão máximo dos universitários cariocas, foi a primeira filiada da UNE a acatar a resolução paredista, tendo a sua diretoria deflagrado a greve na Guanabara ad-referendum do Conselho de Representantes da entidade, convocado extraordinàriamente para uma reunião de exame da conjuntura nacional a realizar-se logo mais às 10 horas.

Ferroviários da Leopoldina em Greve Contra o Golpe

Os dezoito mil ferroviários da Leopoldina entraram em greve, às 16 horas de ontem, em defesa das liberdades democráticas, logo após haver sido confirmada a notícia da renúncia do presidente Jânio Quadros. A greve, liderada pela diretoria do Sindicato, foi o primeiro e mais enérgico protesto dos trabalhadores da Guanabara contra as manobras golpistas de que resultou a renúncia do sr. Jânio Quadros, contra qualquer atentado aos direitos sindicais e democráticos.

COMÍCIO

Pouco antes de iniciado o movimento paredista, que determinou a paralisação total de todo o transporte nas linhas da Leopoldina, inclusive nas que ligam a Guanabara aos Estados do Rio, Minas Gerais e Espírito Santo, o presidente do Sindicato, Demistoclides Batista, dirigia a palavra aos ferroviários, na Estação Barão de Mauá, denunciando a pressão dos inimigos do povo e dos trustes sôbre o govêrno e conclamando-os a defender às liberdades sindicais e democráticas e a lutar com tôdas as suas energias contra qualquer retrocesso na atual orientação da política exterior do Brasil.

ESTIVADORES A POSTOS

Por outro lado, a diretoria da Federação Nacional dos Estivadores, ao ter notícia da carta-renúncia do Presidente Jânio Quadros, enviou comunicado aos Sindicatos da classe de todos os portos nacionais, conclamando-os a manter-se em assembléia permanente, com os estivadores unidos, prontos a entrar em ação contra qualquer tentativa de violação das franquias constitucionais e democráticas. O sr. Oswaldo Pacheco, presidente da Federação Nacional dos Estivadores, declarou à reportagem de NR que a sua classe estará unida a todos os trabalhadores e democratas que se empenham, nessa hora, na luta pela manutenção das liberdades sindicais e democráticas, em defesa da independência econômica e política do país, pela melhoria das condições de vida e de trabalho das massas assalariadas.

FERROVIÁRIOS

A Federação Nacional dos Ferroviários também enviou mensagem a todos os seus filiados, conclamando-os a manter-se coêsos, manifestando a sua mais veemente repulsa ante qualquer tentativa, parta de quem partir, de sufocar os movimentos reivindicatórios dos trabalhadores, através de atos reacionários contra as liberdades democráticas e contra a Constituição Federal.

Inúmeras outras entidades sindicais sediadas na Guanabara reuniram-se durante a tarde e a noite de ontem, decidindo promover a mobilização dos trabalhadores cariocas para a luta enérgica contra qualquer golpe das fôrças interessadas em manter o país econômicamente atrasado e politicamente atado aos imperialistas norte-americanos.

ESTUDANTES DEFENDEM A LEGALIDADE DEMOCRÁTICA

Em face da gravidade da situação criada pela renúncia de Jânio Quadros, e segundo consta, de vários governadores estaduais, a União Nacional dos Estudantes e demais entidades estudantis sediadas na «Casa da Resistência Democrática», na Praia do Flamengo, encontram-se, desde a noite de ontem, em assembléia-geral permanente. A decisão foi tomada após reunião convocada para apreciar a conjuntura que o país atravessa. Dela participam: a diretoria da UNE, diretores da União Brasileira dos Estudantes Secundários, o presidente da União Metropolitana dos Estudantes, o presidente da Associação Metropolitana de Estudantes Secundários, a presidenta do Diretório Central dos Estudantes Universitários do Brasil, e diretores da União Nacional dos Estudantes Técnicos Industriais.

DEFESA DA LEGALIDADE

Encerrada a reunião, as entidades estudantis fizeram divulgar a seguinte Nota Oficial:

"A UNE, a UBES, a UME, a AMES e a UNETI, organizações representativas da classe estudantil, tendo em vista a estranha renúncia do presidente da República e os fatos que a determinaram, ainda negados ao povo, e levadas pela situação de instabilidade e tensão que se instalou no país, manifestam-se:

1. Pela manutenção incondicional das instituições democráticas, com a garantia completa dos preceitos constitucionais e a intocabilidade dos três podêres.
2. Contra a ação golpista dos grupos de reação e direita interessados na instalação, em nosso país, de um regime de exceção.
3. Contra a pressão dos grupos econômicos nacionais e internacionais que procuram sufocar as aspirações desenvolvimentistas da Nação.

Concitamos os estudantes, trabalhadores, camponeses, as Fôrças Armadas e o povo a que se mantenham firmes na defesa da legalidade e nos declaramos em assembléia geral permanente, prontos a denunciar às massas as possíveis manobras dos responsáveis pela situação em que ora nos encontramos." Assinam a nota as diretorias das cinco entidades.

Uma faixa com dizeres alusivos à necessidade de defender a validade da Constituição vigente foi colocada na fachada do prédio que abriga as agremiações dos estudantes.

NOS ESTADOS

Pouco antes das 20 horas a direção da UNE recebia telefonema de Pernambuco. Era o presidente da União dos Estudantes de Pernambuco, comunicando que os universitários do Recife iriam sair, dentro de instantes, em passeata pelas ruas da capital maurícia, exortando o povo e as autoridades para voltarem suas vistas ao respeito da legalidade democrática.

Do Estado do Rio, o presidente da União Fluminense dos Estudantes avisou, logo em seguida, que na manhã, de hoje sua entidade daria a público uma uma nota oficial, cujo centro estaria num chamamento à preservação dos dispositivos constitucionais. Por volta das 12 horas os dirigentes da UNE enviaram telegramas a todos os presidentes de Uniões Estaduais de Estudantes, com instruções no sentido de que as mentôras estaduais dessem pronunciamentos e promovessem manifestações em defesa da Constituição.

SUSPENSÃO DAS AULAS

Às últimas horas de ontem, na sede da UNE (repleta de estudantes) chegava notícia, segundo a qual, o Ministério da Educação teria tomado a decisão de suspender as aulas, a partir de hoje, até segunda ordem.

NOVOS RUMOS

LACERDA AMEAÇA REPRIMIR «AGITAÇÕES»

O gabinete do governador do Estado da Guanabara distribuiu à Imprensa a seguinte nota:

O govêrno do Estado da Guanabara ao povo carioca.

"A decisão de renúncia do sr. Presidente da República é lamentável e não era desejada por ninguém. O Brasil está acima de todos nós. O regime democrático será mantido e garantida a liberdade dentro da ordem. Hoje mesmo assumiu a Presidência da República, na forma da Constituição, o Presidente da Câmara, deputado Ranièri Mazili. O povo e o Govêrno, nos Estados e na União, estão unidos, mais do que nunca, na defesa da paz e da liberdade. Evitem dar crédito a boatos e servir de instrumento às agitações, que serão reprimidas dentro da lei. O governador permanece no seu pôsto no Guanabara, unido aos demais governos, à legalidade democrática, à paz los lares e do futuro da nossa Pátria".

Carvalho Pinto e Porfírio reunidos

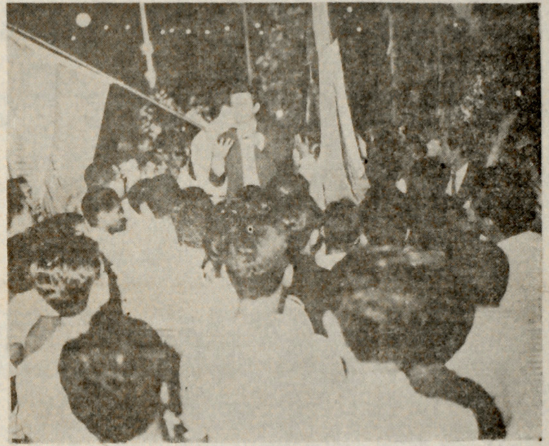
SÃO PAULO, 25 (Da Sucursal) — Estiveram reunidos, na tarde de hoje, em prolongada conferência, o sr. Carvalho Pinto, chefe do Executivo paulista, e o vice-governador do Estado, gen. Porfírio da Paz. É esperada, a qualquer momento, a expedição de um comunicado.

RENUNCIOU O PREFEITO DE BRASÍLIA

BRASÍLIA, 25 (Da Sucursal) — O prefeito desta capital, sr. Paulo de Tarso, apresentou seu pedido de renúncia às 17 horas de hoje.

NÃO A LACERDA

Às primeiras horas da noite de ontem, o sr. Hélio Walcacer, assessor trabalhista do Govêrno da Guanabara, estêve na sede do Sindicato dos Ferroviários da Leopoldina (rua Sampaio Ferraz, 52), levando um apêlo do sr. Carlos Lacerda, para que os dirigentes do movimento fôssem ao Palácio Guanabara. O convite de Lacerda foi recusado pelos grevistas.



"O povo deve lutar de tôdas as formas para impedir a ditadura e garantir a legalidade constitucional" — o orador popular, falando assim, recebia com calorosos aplausos a aprovação da massa

Jânio: Não Faço Acusação, Mas Sim Uma Denúncia

O secretário de Imprensa do sr. Jânio Quadros, antes de fazer a entrega, na manhã de ontem, em Brasília, aos jornalistas, do documento de renúncia, leu um relato oficial a propósito dos instantes que antecederam. E' o seguinte o texto do relato:

"O presidente Jânio Quadros renunciou, esta manhã, à Presidência da República, embarcando para São Paulo cêrca das onze horas. O documento de renúncia está sendo entregue, neste momento, ao Congresso Nacional pelo ministro da Justiça.

O presidente chegou ao Palácio do Planalto, hoje, como de habito, às seis e trinta horas. Depois de rápido despacho com o chefe da Casa Militar, conversou pelo telefone com o chefe da Casa Civil. Nesses primeiros contatos, o presidente revelou a decisão de renunciar ao Govêrno, informando que após solenidade do "Dia do Soldado", redigiria os documentos indispensáveis.

Terminada a comemoração no Ministério da Guerra, voltou o presidente ao Palácio, chamando imediatamente ao seu gabinete o general Pedro Geraldo, o sr. Quintanilha Ribeiro, o sr. José Aparecido de Oliveira e o ministro Pedroso Horta. Aos quatro, disse o presidente as seguintes palavras:

"Chamei-os para dizer-lhes que renunciarei agora à Presidência. Não sei assim exercê-la. Já que o insucesso não teve a coragem da renúncia, é mistér que o êxito a tenha. Não exercerei a Presidência com a autoridade alcançada perante o mundo e nem ficarei no Govêrno discutido na confiança, no respeito, na dignidade indispensáveis ao primeiro mandatário. Não se trata de acusação qualquer. Trata-se de denúncia de quem tem, como eu solenes e graves deveres do mandato majoritário. Não nasci presidente da República. Nasci, sim, com a minha consciência. É a esta que devo atender e respeitar. Ela me diz que a melhor fórmula que tenho, agora, para servir ao povo e à Pátria é a renúncia."

Enquanto o chefe da Casa Militar ia desincumbir-se da missão, o ministro da Justiça, o chefe da Casa Civil e o secretário particular reuniram-se no gabinete do sr. Quintanilha Ribeiro. Novamente no gabinete do presidente, os mesmos auxiliares presenciaram a comunicação do chefe do Govêrno aos ministros militares, marechal Odílio Denys, almirante Sílvio Heck e brigadeiro Grum Moss.

Os chefes militares reiteraram o aprêço e o respeito das Fôrças Armadas ao presidente da República, permitindo-se os ministros interpretar a emoção dos seus companheiros, num apêlo ao presidente, que foi ouvido em silêncio.

O presidente Jânio Quadros limitou-se a agradecer a colaboração dos presentes, anunciando que se dirigiria em seguida para São Paulo, onde retomaria suas atividades de professor e advogado.

Pouco depois, precisamente às dez e vinte e cinco horas, o presidente da República deixou o Palácio do Planalto, em companhia do general Pedro Geraldo e do sr. José Aparecido de Oliveira, dirigindo-se ao Palácio da Alvorada. Dona Eloá Quadros já o esperava com as malas prontas. Depois de afetuosa conversa com seus dois auxiliares, o presidente, com sua espôsa e sua mãe, dona Leonor, e acompanhado ainda do Chefe da Casa Militar e do Secretário Particular, dirigiu-se, em automóvel da Presidência ao Aeroporto Militar. Cêrca das onze horas, o "Viscount" presidencial levantava vôo, com direção a São Paulo. Ao se despedir dos dois auxiliares que o levaram ao aeroporto, o Presidente reafirmou-lhes que partia com a consciência tranqüila. "Deus é testemunha — disse — dos esforços que fiz para governar bem, sem ódio nem rancores. Nessa hora, penso nos pobres e nos humildes. E' muito difícil ajudá-los".

Antes de viajar, S. Exa. determinou ao Ministro da Justiça levar às 13 horas ao Congresso Nacional, o documento de renúncia. Determinou, ainda, que se expedissem comunicações às autoridades, inclusive aos governadores estaduais, e se tomassem providências adequadas para manter a ordem em todo o Território Nacional".

INTERIOR PAULISTA: POVO NAS RUAS CONDENA GOLPE. E PEDE DEMOCRACIA

SÃO PAULO, 25 (da Sucursal) — Logo que foi conhecida a renúncia do presidente Jânio Quadros, começaram a se registrar, nas mais importantes cidades do interior paulista, manifestações populares em defesa da legalidade democrática, contra o golpe e de apoio à política externa que vinha sendo realizada pelo presidente da República.

Em Campinas, Santos, Araraquara, Ribeirão Prêto, nos municípios do ABC (Santo André, São Bernardo e São Caetano) e numerosas outras cidades, milhares de pessoas, trabalhadores e estudantes saíram às ruas para manifestar pùblicamente seu repúdio aos golpistas e exigir o respeito à Constituição e às liberdades democráticas. A figura do governador Carlos Lacerda foi objeto das mais acerbas críticas da massa popular que se manifestava nas diversas cidades, denunciando o governador da Guanabara e os reacionários que o apóiam como os verdadeiros inimigos da democracia no Brasil e da emancipação nacional.

A mensagem de renúncia do presidente da República foi lida por oradores populares nas manifestações realizadas em todo o Estado, que assinalaram a denúncia presidencial de que teve de afrontar «as ambições de grupos ou indivíduos, inclusive do exterior».

Trabalhadores de S. Paulo Conclamam: Ação Enérgica Para Deter Os Golpistas

SÃO PAULO, 25 (Da Sucursal) — Esta capital vive momentos de profunda comoção. A renúncia do presidente Jânio Quadros e sua presença em Cumbica transformaram a fisionomia da cidade e deram motivos a manifestações as mais diversas de repúdio aos golpistas que atentam contra as liberdades democráticas e de defesa à política externa que vinha sendo seguida pelo govêrno.

Na Praça da Sé multidão incalculável, dezenas e dezenas de milhares de pessoas, realizaram grande demonstração popular.

As entidades sindicais e estudantis convocaram assembléias de trabalhadores e estudantes para debater a questão e promover ações decididas em defesa da legalidade constitucional.

Governadores de diversos Estados deslocaram-se para Cumbica logo que foi noticiada a presença do presidente Quadros, mantendo-se em conferência com o mesmo durante longo tempo.

TRABALHADORES UNIDOS

Dirigentes sindicais de São Paulo, ao mesmo tempo em que se realizavam assembléias em diversos sindicatos, reuniram-se na sede do Sindicato dos Metalúrgicos. Após a mesma divulgaram um manifesto ao povo e aos trabalhadores no qual recomendam a ação unida do povo e dos operários paulistas para impedir qualquer golpe tendo em vista arrastar o país para uma ditadura de direita que afogue as liberdades e impeça a luta do povo pelo progresso e a emancipação do país. Foi convocada uma reunião para amanhã, às 10 horas, ocasião em que os dirigentes sindicais paulistas traçarão um plano de ação em defesa das liberdades democráticas. Não está excluída a hipótese da deflagração de uma greve geral em São Paulo.

O movimento nas sedes das entidades sindicais durante o dia e nas primeiras horas da noite, foi grande. Centenas de trabalhadores dirigiram-se aos seus sindicatos onde permaneceram durante longo tempo realizando uma verdadeira vigília em defesa das instituições. Nos sindicatos dos Marceneiros, Trabalhadores em Frigoríficos, Laticínios e Construção Civil realizaram-se grandes assembléias durantes as quais foram aprovadas moções em defesa da legalidade constitucional, das liberdades e da manutenção de uma política externa independente para o Brasil.

ESTUDANTES

Nos meios estudantis a movimentação não foi diferente. Centenas e centenas de universitários ganharam as ruas nas primeiras horas da tarde para, juntamente com líderes sindicais, realizar comícios-relâmpagos em defesa da democracia. Grêmios de secundaristas e Centros Acadêmicos, entre os quais o XI de Agôsto, reuniram-se em assembléias permanentes e divulgaram pronunciamentos em defesa das liberdades e contra o golpe.

REUNIÃO NA SEDE DO PSB

Realiza-se na sede do PSB, no momento em que redigimos esta correspondência, uma reunião da qual participaram dirigentes desse Partido, do Partido Trabalhista Brasileiro e líderes sindicais e estudantis.

VIOLÊNCIAS

Durante a grande manifestação realizada na Praça da Sé, a polícia cometeu uma série de violências contra o povo e tentou em determinados momentos, impedir os protestos. Eram repelidos os homens de Carvalho Pinto aos gritos de «Jânio, sim! Ianque, não». «Abaixo o padre-fascista Calazans». «Paredón para Lacerda».

Ainda assim, os beleguins realizaram a prisão dos dirigentes sindicais Luís Tenório de Lima, João Xavier dos Santos e do líder sindical e vereador João Louzada, além de três populares, que foram soltos momentos depois.

ARMOR-MILANO ARCHIVIO STORICO DEL MOVIMENTO OPERAIO BRASILIANO

ARQUIVO ASTROJILDO PEREIRA 1890-1965